

LIMITE E PERTINÊNCIA DO COMPLEXO DE ÉDIPO EM PSICANÁLISE

Michele Roman Faria

Psicanalista, Doutora em Psicologia Clínica (USP); autora de *Constituição do sujeito e estrutura familiar e Introdução à psicanálise de crianças: o lugar dos pais*.

E-mail: michelefaria@terra.com.br

Maria Leticia Oliveira Reis

Psicanalista, Doutoranda em Psicologia Clínica (USP), Mestre em Psicologia (Universidade São Marcos).

E-mail: marileoliveira@hotmail.com

Resumo: A proposta do presente artigo é discutir e contextualizar o tema do complexo de Édipo no texto “Um fragmento de uma análise de histeria” (1905a). Pretende-se discutir o que denominamos *limite* e *pertinência* do complexo de Édipo nesse momento da obra freudiana, a partir do artigo de Phillippe Van Haute (2010), que sugere que a problemática edípica possui um papel marginal no caso Dora. O objetivo deste artigo é contribuir para a discussão, percorrendo alguns temas abordados por Van Haute, importantes para esta investigação: a aceção da teoria da memória na psicanálise, a questão da organicidade no caso, a discussão acerca da bissexualidade e do perverso-polimorfismo infantil. Pretende-se mostrar e reafirmar a importância do complexo de Édipo na teoria e na condução e construção de casos clínicos, inclusive no caso Dora.

Palavras-chave: complexo de Édipo; pulsão; histeria e linguagem.

Abstract: This article aims to discuss and put the issue of the Oedipus complex in *Fragment of an Analysis of a Case of Hysteria* (1905a) into perspective. We discuss what we call the relevance and limitations of the Oedipus complex at that point of Freud's work by using an article by Philippe Van Haute (2011), who suggests that the Oedipus plays a marginal role in the Dora case. The purpose hereof is to make a contribution to the debate by analyzing some of the topics addressed by Van Haute that are important to this study: the meaning of the theory of memory in psychoanalysis; the debate of how organic the case really is; as well as the discussion on bisexuality and the perverse polymorphism in children. We will show and reaffirm the importance of the Oedipus complex in theory and when following and building case studies, including the Dora case.

Keywords: Oedipus complex; drive; hysteria; language.

Na parte II dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (FREUD, 1905b), cujo subtítulo é “O descaso para o infantil”, Freud refere-se à concepção errônea da ausência de pulsão sexual na infância. Ele retorna a esse texto em vários outros momentos, acrescentando notas em 1910, 1915, 1920, entre outras, revelando que se trata da construção de uma teoria. Na mesma época, Freud publica o caso Dora (FREUD, 1905a), escrito entre 1901 e 1905. É nesse cenário teórico do abandono da teoria da sedução que se encontra esse caso de histeria.

Nesse texto, Freud retoma uma questão anteriormente proposta em “Lembranças Encobridoras”: “Por que a memória ficou tão atrasada em relação às nossas outras atividades anímicas”? (FREUD, 1899, pp. 158-164). A amnésia dos primeiros anos de vida parece despropositada, pois uma criança de três ou quatro anos já possui um funcionamento mental organizado e apto a recordar. A memória pode apresentar-se como atrasada e deficiente, mas sabemos que o aparelho de memória e de linguagem é extremamente sofisticado. O que fica claro na teoria da memória em psicanálise é que as recordações dos primeiros anos de infância estão presentes no psiquismo, devido ao recalque, de forma inconsciente. Existe um impedimento consciente em relação a essas lembranças dos primeiros anos, existe uma “falha de tradução”, como propõe Freud em sua “Carta 52 a Fliess” (FREUD, 1896): um traço mnêmico necessita ser traduzido de um registro a outro até chegar à consciência. A falha nessa tradução é o recalque. O que perturba o processo de transcrição, segundo Freud, é a lembrança de uma experiência sexual. A proposta do aparelho psíquico de Freud é fruto da sua experiência clínica, assim, nessa investigação do aparelho psíquico, existe uma distância entre a inscrição dos traços mnêmicos e a rememoração, na linguagem.

Em 1924, em “Um estudo autobiográfico”, Freud afirma que a crença dos seres humanos na assexualidade da infância está relacionada à amnésia desses anos, e o que causaria a amnésia seriam os conflitos e resistências em relação à sexualidade. A clínica da neurose passa a contar com a acepção de resistência, do mecanismo de recalque no psiquismo. A tarefa não é mais ab-reagir, o substituto que Freud encontra para a recuperação do material psíquico é plenamente satisfatório: a associação livre. “Demonstrei meu reconhecimento da nova situação não denominando mais o meu método de pesquisa e de tratamento de catarse, mas de psicanálise” (FREUD, 1924b, pp. 29-36). O abandono da hipnose marca assim o nascimento da psicanálise.

Van Haute, com seu texto *Eu não acredito mais na minha neurótica – Trauma e disposição após o abandono da teoria da sedução* (2010), propõe uma reflexão sobre o

caso Dora, trazendo uma discussão importante para os psicanalistas. Ele afirma que Freud não precisa do complexo de Édipo para compreender a histeria e que, mesmo a presença, no caso, de um tema edípiano (como o do sonho de Dora), não equivale a uma explicação edípiana. Perguntamos, o que seria uma explicação edípiana?

Rerer o caso Dora à luz do texto de Van Haute nos traz alguns questionamentos de interesse clínico e teórico. Naturalmente, não é possível se abster de uma fundamentação lacaniana na leitura e reavistação de tais textos. Sugerimos, então, percorrer de forma mais breve possível o complexo de Édipo de Freud a Lacan e, posteriormente, retornar ao que é o objeto deste texto: teria Freud realmente deixado de contar com uma explicação edípiana no caso Dora?

O tema do complexo de Édipo atravessa toda a obra freudiana, de 1897 a 1938. Aparece, pela primeira vez, em carta a Fliess, de 1897:

Descobri, também em meu próprio caso, o fenômeno de me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância [...]. Se assim o for, podemos entender o poder de atração de Oedipus Rex, a despeito de todas as objeções que a razão levanta contra a pressuposição do destino [...]. A lenda grega capta uma compulsão que todos reconhecem, pois cada um pressente sua existência em si mesmo. Cada pessoa da plateia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua, horrorizada, diante da realização do sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual. (FREUD, 1897 apud MASSON, 1986, p. 273)

Numa das notas acrescentadas por Freud nos *Três Ensaios*, o complexo de Édipo é mencionado como “a senha que distingue os adeptos da psicanálise de seus opositores” (1905b, p. 233).

Ainda que Freud tenha levado muitos anos para mostrar, teoricamente, o papel do complexo de Édipo como complexo nuclear das neuroses – o que se nota claramente nos textos “A organização genital infantil” (1920), “A dissolução do complexo de Édipo” (1924a), “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (1925) e, finalmente, “Sexualidade feminina” (1931) e “Feminilidade” (1932) – a nota acrescentada aos *Três ensaios* em 1920 revela a importância da articulação entre complexo de Édipo e sexualidade infantil para Freud. Se o Édipo é o complexo nuclear das neuroses, como prescindir do Édipo clinicamente? Como prescindir do Édipo na escrita de casos clínicos?

No projeto de *retorno a Freud*, Lacan aborda o tema do complexo de Édipo, ressaltando a importância de sua função na teoria e de seu papel na clínica. Mostra que o Édipo aparece, na teoria freudiana, para explicar como um ser que nasce imerso no perverso-polimorfismo da sexualidade infantil pulsional pode, pela lei da interdição representada pela cultura, encontrar um lugar na partilha dos sexos.

Lacan destaca o papel da castração como operação simbólica que marca a entrada na cultura e mostra a importância do pai como representante simbólico dessa operação. Traz sua contribuição à teoria de Freud com a proposta de uma articulação dos elementos simbólicos essenciais do Édipo (a lei, a castração e a função do pai) ao conceito de metáfora. A fórmula da metáfora paterna, que vinha sendo esboçada ao longo de três seminários (Seminário 3, 4 e 5), é publicada em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses* (LACAN, 1958/1998). Lacan escreve, com sua fórmula, os elementos essenciais já destacados por Freud: a importância da incidência da lei sobre a relação incestuosa da criança com a mãe; o lugar do pai como representante dessa lei; e o lugar do falo como elemento simbólico que é o recurso disponível na saída edipiana: estar submetido à lei da castração leva cada um a buscar, pela via fálica, um lugar de identificação, como homem ou como mulher. Assim, é possível afirmar que “o complexo de Édipo permite pensar a constituição de um sujeito como a inscrição de um ser pulsional no campo da cultura, pela via da castração” (FARIA, 2011, p. 137). Como pensar a subjetividade sem essa articulação entre o sexual (pulsional) e o cultural (simbólico), que Freud chamou complexo de Édipo? E como prescindir de tal concepção na clínica?

Dora e o complexo de Édipo

Qual teoria substituiria a teoria da sedução? O Édipo ou a teoria da bissexualidade? Mas, antes disso, quais os motivos de Freud para abandonar a teoria da sedução?

Freud descobre que, para a formação das fantasias, o sujeito recorre ao que escuta. Um ano após o abandono da teoria da sedução, escreve, numa carta a Fliess: “aquilo que é visto no período pré-histórico produz os sonhos; o que é ouvido nele produz as fantasias; o que é sexualmente experimentado produz as psiconeuroses” (FREUD, 1898 apud MASSON, 1986).

A expressão disso está no que Dora faz com o que escuta dos pais no momento do coito. O traumático não é, necessariamente, o acontecimento real; as fantasias têm

relação tanto com o traumático como com a produção sintomática. Por que as fantasias ocupam esse lugar na economia psíquica? A resposta é simples, não há outra maneira senão através delas. As fantasias têm essa tonalidade real para lidar com o desejo, essa tonalidade é a linguagem que dá conta da falta. Como afirma Zizek, a fantasia ensina literalmente como desejar. E é bom lembrar que o desejo é o desejo do Outro.

Os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905b) são o esforço de Freud em definir e limitar a sexualidade e sua relação com o traumático e o sintomático. Será preciso definir a sexualidade como distinta do instintivo: uma sexualidade pulsional.

A sexualidade pulsional, inicialmente perverso-polimorfa, não pode se manter nesse estado originário devido à relação que o homem tem com a cultura, que exige renúncia, limites à satisfação sexual. O Édipo é a hipótese teórica de Freud para explicar como os limites que a cultura impõe à satisfação pulsional levam à identidade sexual e à escolha objetal.

Van Haute (2010) afirma que as explicações e tentativas de Freud por convencer Dora de seu interesse pelo Sr. K era oriundo de um desejo heterossexual, estariam ligadas a preconceitos culturais. Perguntamos: não seriam tais preconceitos a marca da leitura edipiana que Freud faz do caso Dora? O que Van Haute (ibid.) chama de preconceito cultural não é, justamente, o que revela a íntima ligação entre complexo de Édipo e entrada na cultura, que propõe que o interesse sexual da menina, inicialmente voltado para o pai, deve dirigir-se, na saída normal do Édipo, para um homem que o substituiria?

Nós acreditamos, mais ainda

A eficácia da terapêutica psicanalítica toca o pulsional. A revisão teórica de Freud, nas notas dos *Três Ensaios*, ganha rigor e refinamento do ponto de vista de sua direção, e estamos nos referindo ao tratamento. Se a análise não caminha para a cena traumática, que inicialmente foi situada como a cena de sedução, então como é possível que o tratamento analítico produza alívio e remissão sintomática nos casos em que a cena que talvez fosse apenas fantasiada, é recordada? Ao invés de questionar o valor da psicanálise, diante da importância do orgânico, a questão que se apresenta é: como podemos compreender a relação entre o sexual e o sintomático, se o sintoma sustenta-se em meras fantasias?

Nesse ponto, a teoria do Édipo é o recurso mais precioso de Freud, o recurso que lhe permitirá sustentar sua clínica e sua concepção de inconsciente até o final de sua obra. Em *Análise terminável e interminável*, de 1937, um de seus últimos artigos, é ao rochedo da castração que Freud recorre para situar o limite da análise.

É Freud que define o complexo de Édipo como o divisor de águas que distingue psicanalistas de não psicanalistas. Mas a teoria mais conhecida e difundida da psicanálise está sujeita a distorções em sua interpretação, distorções que levaram Lacan a retomá-la e colocá-la em seu devido lugar, o lugar que Freud havia dado, que permite compreender justamente que a articulação entre o pulsional e o cultural – a linguagem – é o que constitui o que chamamos psiquismo. Do ponto de vista freudiano, o Édipo é a estrutura simbólica que inscreve a sexualidade, inicialmente perverso-polimorfa, na cultura. Essa inscrição exige renúncia do prazer pulsional que, sendo do corpo, exige satisfação. E essa renúncia foi chamada por Freud de castração.

Para Freud, o laço social, a entrada na cultura, depende da interdição, função simbolizada pelo pai. Além disso, essa entrada na cultura, que tem a marca da castração, produz o que Freud definiu como a essência do homem: o desejo. Se há castração, há falta, se há falta, pode-se buscar no mundo objetos que simbolicamente visam obturá-la. Esse é o movimento que Freud chamou de pulsão de vida, que faz laço social e impulsiona toda busca de prazer e satisfação – mas um prazer que agora é mediado e tem lugar social.

O problema é que o balanço entre a renúncia e a satisfação, entre o que se busca e o que se obtém não é fácil de conseguir e, assim, produzem-se os sintomas. O desejo, recalcado, tem que encontrar uma satisfação substitutiva. E os sintomas aparecem. Segundo Van Haute (2010), “os sintomas não podem mais ser compreendidos a partir de um desejo único e identificável”.

É evidente que todo o trabalho de Freud na busca do desejo recalcado, que dá origem ao sonho ou ao sintoma, está longe de levar a um único sentido, a um desejo único e identificável. Os sintomas são sobredeterminados. Isso é claro em todos os sonhos brilhantemente trabalhados por Freud na *Traumdeutung* (1900), e fica claro ao longo de toda a sua obra. Se houvesse um desejo único e identificável no horizonte do trabalho analítico com os sintomas, a interpretação deveria conduzir a ele. Mas não é isso que Freud sugere. Já em 1900, ele afirmava que não há interpretação exaustiva do inconsciente: “de fato, nunca é possível estar-se certo que um sonho foi completamente interpretado. Mesmo que a solução pareça satisfatória e sem lacunas, resta

sempre a possibilidade de que o sonho possa ter ainda outro significado” (FREUD, 1900, p. 297). Que a cena fantasmática, especialmente a de sedução, tenha servido, inicialmente, para localizar esse desejo, explicando-o, contextualizando-o e servindo de chave para desvendar o enigma do sintoma, não impediu Freud de descobrir rapidamente que há um engodo aí.

É importante lembrar que muitas das formações sintomáticas das pacientes histéricas de Freud se produziram como efeito de ressignificação do trauma *a posteriori*. A cena não é traumática em si, ela passa a sê-lo no momento em que adquire, retroativamente, uma significação sexual.

A consequência que Van Haute (2010) extrai disso é curiosa: segundo ele, o fato de Emma não ter encontrado representações que dessem conta do vivido a não ser na puberdade, revelaria que “a infância é assexual”. Só é possível compreender tal afirmação quando se compreende a noção de sexualidade que sustenta tal afirmação. Quando Van Haute (ibid.) lembra a importância do prazer oral de Dora na infância, não estaria justamente lembrando o aspecto mais fundamental da sexualidade, sublinhado por Freud desde os *Três ensaios*: que a sexualidade é pulsional, ela tem origem e se satisfaz no corpo, e não é unicamente genital?

No caso Dora, Van Haute (ibid.) esforça-se em situar eventos traumáticos (mesmo aqueles que só são significados como traumáticos *a posteriori*), sintomas e sexualidade. E chega à interessante conclusão: “torna-se assim evidente como a interação retroativa entre os dois traumas permite religar pela primeira vez os sintomas de Dora com representações sexuais explícitas”. Ou seja, há uma intrínseca relação entre o sexual, o traumático e o sintomático, coerente tanto com a concepção freudiana de sobredeterminação (não há uma única origem do sintoma) como com a de retroação (um evento pode ser *a posteriori* sentido e representado como traumático). Daí sua conclusão: “evidentemente, esses traumas não têm mais aqui uma significação etiológica como na teoria da sedução. Eles atualizam e transformam unicamente uma disposição histérica, orgânica, anterior que é o verdadeiro fundamento da histeria”. Não se pode, como tentou Freud com a teoria da sedução, estabelecer uma relação causa-efeito entre trauma e sintoma.

Mas esse raciocínio clínico-teórico, bastante preciso, aliás, conduzirá, curiosamente, à seguinte conclusão: “Freud não deixa dúvida sobre o fato de que a psicanálise não tem um meio de agir sobre essa disposição”. O coerente raciocínio clínico não foi suficiente para impedir Van Haute de introduzir um descompasso e propor um atalho

apressado: se a psicanálise não age sobre o pulsional, então há limites, na própria psicanálise, para atuar sobre o sintoma. Isso porque, segundo Van Haute, “o verdadeiro fundamento da histeria” seria orgânico.

O próprio Freud lembra que “uma vez que se retirou o que pode ser eliminado por meio da psicanálise, podemos desenvolver todo tipo de pensamentos, provavelmente pertinentes, sobre os fundamentos somáticos dos sintomas, que são em geral ligados à constituição orgânica” (FREUD, 1905a, p. 221).

Conclusão

Pode-se, afinal, afirmar que a teoria do Édipo tem apenas um papel marginal no caso Dora? É aqui que devemos situar o limite e a pertinência na proposta de Van Haute.

Mesmo levando-se em conta o espírito visionário de Freud, não parece razoável supor que ele teve condições de descrever o caso, em 1905, à luz de uma teoria que será construída ao longo de toda a sua obra e cujos fundamentos serão definidos com rigor e precisão apenas entre 1920 e 1931.

É o que Van Haute (2010) procura mostrar em seu texto, e que se revela como pertinente, através de um levantamento rigoroso dos elementos que ele considera centrais no caso e que, segundo ele, escapam à lógica da teoria edípica, porque conduzem ao fundamento orgânico da sexualidade, das fantasias e até dos próprios sintomas.

E, de fato, ao longo de toda a obra de Freud, e mesmo depois de formalizar sua teoria do Édipo, o fundamento orgânico da sexualidade, que ele chamou pulsional, nunca foi negado, mantendo seu lugar e seu papel como a base orgânica sobre a qual toda neurose se instala. Se Freud volta aos *Três ensaios* tantas vezes para acrescentar-lhe notas, não é para corrigir a importância desse fundamento orgânico.

Entretanto, mesmo em 1905, já é claro para Freud que o interesse de Dora pelos K pode ser compreendido na perspectiva das relações entre Dora, seu pai e sua mãe. É Freud quem afirma:

Sua preocupação com as relações entre o pai e Frau K devia seu caráter obsessivo ao fato de que sua raiz era desconhecida para ela, por estar situada no inconsciente. Não é difícil adivinhar a natureza dessa raiz através da situação e da conduta de Dora. Seu comportamento obviamente ia muito além do que teria sido apropriado a uma filha. Ela sentia e agia mais como uma esposa ciumenta – de uma maneira que teria sido compreensível em sua mãe. Mas pelo ultimato o pai (“ou ela ou eu”), pelas situações que costumava criar, pelas intenções suicidas que deixava transpirar – por tudo isto, ela estava claramente colocando-se

no lugar da mãe. Se adivinhamos corretamente a natureza da situação sexual imaginária subjacente à sua tosse, nessa fantasia ela deveria estar se colocando no lugar de Frau K. Ela estava, portanto, identificando-se com a mulher que seu pai uma vez amara e com a mulher que ele amava agora. (FREUD, 1905, p. 53)

Freud já destacava, mesmo em 1905, o lugar simbólico de todos os personagens do drama de Dora e mostrava que seu sofrimento e seus sintomas giram em torno desses personagens, compondo um “mito individual” em torno do qual a queixa é construída. E com uma clareza impressionante, considerando se tratar de uma teoria em construção, que só iria se completar quase trinta anos depois. Aqui se encontra o que é preciso considerar como um limite da proposta de Van Haute (2010).

O lugar do pai, do Sr. K e da Sra. K nesse mito dá ao leitor os elementos centrais de um drama construído em torno do que Lacan nomeou como a questão de Dora: *o que é uma mulher?* O que é a Sra. K para o pai, para o Sr. K? Como encontrar um lugar nesse drama, como abandonar o lugar em que foi colocada pelo pai? Seu sofrimento e seus sintomas, o drama que relata a Freud, compõem um “mito individual” que lhe permite localizar fantasias, traumas, sofrimentos – e construir sua queixa.

Lacan mostra que a dificuldade de Dora em situar *o que é uma mulher* é justamente o que sustenta seu interesse pela Sra. K, ponto que se revelou para Freud difícil de manejar e enigmático no caso. Segundo Lacan, a Sra. K representa a promessa de obter a chave desse enigma, na medida em que o pai e o Sr. K dão a ela o lugar da mulher desejável, ou seja, do falo encarnado na mulher.

No *Seminário 3*, Lacan indaga:

A que será ela [Dora] levada com efeito, senão a uma questão acerca do seu sexo? Não sobre o sexo que ela tem, mas – O que é ser uma mulher? Os dois sonhos de Dora são absolutamente transparentes a esse respeito – não se fala de outra coisa. O que é ser uma mulher e, especificamente, o que é um órgão feminino? (LACAN, 1955-1956, p. 197)

E volta à mesma questão no *Seminário 4*:

Toda a situação se instaura como se Dora tivesse que se formular a questão: O que é que meu pai ama na Sra. K? A Sra. K se apresenta como algo que seu pai pode amar para além dela mesma. Aquilo a que Dora se apegava é o que é amado por seu pai numa outra, na medida em que ela não sabe o que é. (Ibid., pp. 143-144)

É por isso que Lacan afirma, no *Seminário 4*, que “a Sra. K é a questão de Dora” (ibid., p. 141). Em *Intervenção sobre a transferência*, ressalta, na terceira inversão dialética obtida pelo manejo freudiano, o valor da Sra. K para Dora: “não o de um indivíduo, mas o de um mistério, o mistério de sua própria feminilidade” (LACAN, 1951, p. 220).

Freud interpreta esse interesse, depois da interrupção do tratamento, como interesse homossexual de Dora, sugerindo, ao acrescentar ao relato do caso uma nota de rodapé, que a maior falha em sua técnica teria sido não “descobrir a tempo nem informar à paciente que seu amor homossexual por Frau K era a corrente inconsciente mais poderosa de sua vida mental” (FREUD, [1090] 1905, p. 116).

Lacan observa que Freud “se pergunta o que Dora deseja, antes de se perguntar quem deseja em Dora” (LACAN, 1955-1956). Ressalta, assim, a importância de tomar a estrutura do desejo e a posição do sujeito em relação a essa estrutura, e não o objeto do desejo. Acrescenta que não se trata exatamente de um desejo homossexual, de tomar a Sra. K como objeto de amor, mas do fato de que a Sra. K representa para Dora uma possível resposta ao enigma da feminilidade: “Dora se interroga: *O que é uma mulher?* E é na medida em que a Sra. K encarna a função feminina como tal que ela é, para Dora, a representação daquilo em que ela se projeta como sendo a questão” (ibid., p. 144). Lacan afirma no *Seminário 5* que “Dora é visivelmente estruturada de maneira homossexual, tanto quanto uma histérica pode sê-lo” (LACAN, 1957-1958, p. 382). Segundo ele, “assim como em toda mulher (...) o problema de sua condição está, no fundo, em se aceitar como objeto do desejo do homem, é esse o mistério, para Dora, que motiva sua idolatria pela Sra. K” (LACAN, 1951, p. 221).

Evidentemente, Lacan só pode chegar a tais conclusões porque conta com os textos freudianos sobre o Édipo posteriores ao caso Dora, que lhe permitem recuperar os elementos simbólicos que compõem a neurose de Dora no modelo da questão edípica, ressaltar a importância clínica do valor simbólico desses elementos e lembrar os impasses relativos ao problema da feminilidade presentes no caso.

O limite da proposta de Van Haute não está, portanto, na riqueza dos elementos edípicos que se pode extrair do Édipo, numa releitura que permite localizá-los *a posteriori*, considerando o percurso de Freud posterior ao caso Dora. Esse limite está em sustentar que o lugar marginal do Édipo no caso poderia ser explicado pelo fundamento orgânico da sexualidade, o que implica desconsiderar que a relação entre o pulsional e o cultural (relativo ao simbólico e à estrutura da linguagem, de acordo com Lacan) é um dado central da teoria do Édipo. A interpretação que Freud dá ao caso

Dora mostra, justamente, que o Édipo é a estrutura que fornece ao sujeito os elementos simbólicos que darão ao fundamento orgânico da sexualidade um lugar. O Édipo está no centro da interpretação de Freud, muito claramente:

Mostrei pormenorizadamente alhures [na *Interpretação dos sonhos* (1900) e nos *Três ensaios* (1905)] em que idade tenra a atração sexual se faz sentir entre pais e filhos, e expliquei que a lenda de Édipo provavelmente deve ser considerada como uma representação poética daquilo que é típico nestas relações. Traços distintos podem provavelmente ser encontrados na maioria das pessoas com uma inclinação precoce desta espécie – a filha em relação ao pai ou o filho em relação à mãe; mas deve-se presumi-la mais intensa desde o início no caso daquelas crianças cuja constituição as marca para uma neurose. (FREUD, 1905b, p. 54)

Não é necessário excluir a importância do organismo para situar o Édipo no caso Dora, nem descartar a psicanálise como forma de tratamento eficaz que opera nesse limite que Freud definiu como a fronteira entre o somático e o psíquico.

Mas é evidente que não é possível encontrar no caso, por mais que Freud considere a organicidade em Dora, indícios de que ela recuperaria o que estava perdido. Se foi possível pensar numa teoria da sedução, não podemos dizer uma teoria da “solução”. Nos casos clássicos de Freud, podemos ler em seus escritos como cada um apanhou a sua “besteira”. Mas todas as besteiras nos indicam o mesmo local: não há relação sexual, não há garantia de uma relação harmoniosa, seja com Sr. K ou com a Sra. K.

Referências

- FARIA, M. R. (2011). *Constituição do sujeito e estrutura familiar: o complexo de Édipo, de Freud a Lacan*. 2 ed. São Paulo, Cabral.
- FREUD, S. (1896). Carta 52. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. I. Rio de Janeiro, Imago.
- _____(1899). Lembranças encobridoras. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. III. Rio de Janeiro, Imago.
- _____(1900). A interpretação de sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. IV-V. Rio de Janeiro, Imago.
- _____(1905a). Fragmento da análise de um caso de histeria. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. VII. Rio de Janeiro, Imago.
- _____(1905b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. VII. Rio de Janeiro, Imago.
- _____(1920). A organização genital infantil. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Rio de Janeiro, Imago.

- FREUD, S. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Rio de Janeiro, Imago.
- _____. (1924). Um estudo autobiográfico. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XX. Rio de Janeiro, Imago.
- _____. (1925). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Rio de Janeiro, Imago.
- _____. (1931). Sexualidade feminina. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXI. Rio de Janeiro, Imago.
- _____. (1932). Feminilidade. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. I. Rio de Janeiro, Imago.
- _____. (1937). Análise terminável e interminável. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. XXIII. Rio de Janeiro, Imago.
- LACAN, J. (1951). Intervenção sobre a transferência. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- _____. (1955-1956). *Seminário 3*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. (1956-1957). *Seminário 4*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. (1957-1958). *Seminário 5*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. (1958). De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses. In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.
- MASSON, J. M. (ed.) (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)*. Rio de Janeiro, Imago.
- VAN HAUTE, P. (2010). Eu não acredito mais na minha neurótica – Trauma e disposição após o abandono da teoria da sedução. *A PESTE: Revista de Psicanálise e Sociedade e Filosofia*, São Paulo, v. 3, n. 2, jan./jun. 2010. Disponível em <<http://revistas.pucsp.br/index.php/apeste>>.
- ZIZEK, S. (2010). *Como ler Lacan*. Tradução de Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

Recebido em 2/5/2011; Aprovado em 30/6/2011.